

**A PRÁTICA DE LEITURA E DA PRODUÇÃO TEXTUAL
NA ESCOLA ATRAVÉS DO FANZINE**

Carmem Véra Nunes Spotti (PUC-SP/CEFRR/UERR)

carmemspotti@bol.com.br

Alessandra de Souza Santos (UERR)

alessandrades@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho versa sobre uma atividade de leitura e produção textual através da técnica do FANZINE desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência-PIBID, da CAPES, em conjunto com a UERR, através do Subprojeto do Curso de Letras, do *campus* Bom Vista. Esse Subprojeto tem dentre seus objetivos, incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a educação superior e a educação básica, inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar buscando a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, esse trabalho traz a leitura e a escrita como foco de desenvolvimento do hábito de ler e de produzir textos no âmbito escolar de quatro escolas de ensino médio da rede estadual de Boa Vista – RR.

Palavras chave: Sociolinguística. Leitura. Produção Textual. FANZINE.

A Universidade Estadual de Roraima, por meio do Programa Institucional de Incentivo à Docência-PIBID-CAPES participou dos Editais CAPES/2009 e CAPES/2011. Este programa tem dentre seus objetivos, incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre a educação superior e a educação básica, inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar buscando a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre os cursos de licenciaturas contemplados pelos Editais está o Curso de Letras da UERR com o subprojeto PIBID Letras – *campus* de Boa Vista para trabalhar com escolas do ensino médio da capital. Para

o edital de 2009 foram contempladas as escolas estaduais: América Sarmiento Ribeiro, Gonçalves Dias e Professor Antônio Carlos da Silva Natalino e para o edital de 2011 a Escola Estadual Major Alcides Rodrigues dos Santos. As atividades desenvolvidas contam com professores com formação em letras da própria escola no efetivo exercício da docência, denominados aqui como professores supervisores, que têm a função de orientar os 23 (vinte e três) acadêmicos do curso de letras, distribuídos em grupos, nas atividades desenvolvidas nas respectivas escolas.

O programa do subprojeto PIBID Letras – *campus* de Boa de Vista – CAPES/UERR prima por trabalhar atividades que desenvolvem a função social da leitura e da escrita através de atividades como “espaço das letras”, “jogos dirigidos”, “literatura roraimense”, entre outros com vistas a desenvolver as habilidades de ler, de ouvir, de escrever e de falar dos alunos do ensino médio, além de orientar os acadêmicos nas atividades pedagógicas de rotina da escola.

Dentre as ações desenvolvidas no subprojeto PIBID Letras – *campus* de Boa de Vista – CAPES/UERR está a oficina sobre o “*fanzine*”, cujo objetivo desta atividade é desenvolver a pesquisa, a leitura e a escrita aproximando as atividades escolares dos interesses dos alunos e o posicionamento crítico sobre questões da atualidade.

O “*fanzine*” é uma abreviação de *fanatic magazine*, que, no Brasil, significa “fã de revista”, sendo a aglutinação da última sílaba da palavra *magazine* (revista em português) e a inicial *fanatic*. É uma mídia artesanal com origem em 1921, nos Estados Unidos, e que, em 1941, Russ Chauvenet utilizou como publicação alternativa para textos de ficção científica e de curiosidades, com pequena tiragem e distribuída pelo correio circulando de mão em mão⁶.

No Brasil, são inúmeras as publicações através do “*fanzine*” que vão desde histórias em quadrinhos (Ficção, do Boletim do Intercâmbio Ciência-Ficção Alex Raymond) a fãs do rock e underground (Ekletik). O interesse por este tipo de publicação é imensa que recentemente foi criada a Fanzinoteca de São Vicente, sendo a segunda maior fanzinoteca do mundo por seu acervo de edições catalogadas⁷.

A escolha do “*fanzine*” deve-se ao fato de que é uma publicação

⁶ <<http://midiatividades.wordpress.com/2012/06/03/fanzine>>. Acesso em: 20-11-2013.

⁷ <<http://midiatividades.wordpress.com/2012/06/03/fanzine>>. Acesso em: 20-11-2013.

despretensiosa que, dependendo do aspecto gráfico, pode ser sofisticada. Serve como uma imprensa alternativa para publicar pequenos boletins e com baixo custo de duplicação que pode ser por fotocópia ou impressão digital. Desta forma, os grupos do subprojeto PIBID Letras – *campus* de Boa de Vista – CAPES/UERR podem ter o fanzine como alternativa de produção textual e divulgação das atividades realizada nas escolas com os alunos do ensino médio roraimense.

Desta forma, para trabalhar com o “*fanzine*” em sala de aula, foi realizada uma capacitação aos professores supervisores das escolas conveniadas, alunos bolsistas, membros do subprojeto PIBID Letras – *campus* de Boa de Vista – CAPES/UERR e alunos do curso de letras, também do *campus* de Boa Vista, na disciplina de Prática Profissional I, do 4º semestre.

A escolha deste tema deve-se ao fato de sermos professoras formadoras de professores e trabalharmos na área de língua portuguesa na Universidade Estadual de Roraima e com o subprojeto em questão. O curso foi organizado tendo em vista a atender as ações do subprojeto PIBID Letras – *campus* de Boa de Vista – CAPES/UERR e como metodologia a ser apresentado aos acadêmicos do curso de forma a fornecer aos participantes um apoio teórico-metodológico que possibilitasse a reorientação do ensino, na perspectiva do letramento, ao mesmo tempo investigar o processo de familiarização com os estudos de sociolinguística de viés educacional.

Assim, o “*fanzine*” constitui-se em uma publicação interativa que trabalha com a diversidade dos gêneros textuais, pois, como afirma Marcuschi (2002), é fruto de trabalho coletivo, porque

os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2002, p. 34)

Neste sentido, o texto é visto como produto da atividade discursiva oral ou escrita e, qualquer que seja sua dimensão, deve ser significativo e acabado, cabendo à escola possibilitar o acesso a textos diversifica-

dos, ensinar a produzir e a entendê-los. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN o objetivo do ensino da língua portuguesa está em expandir possibilidades do uso da linguagem, pois a

importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até a bem pouco tempo – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. A necessidade de atender a essa demanda obriga à revisão substantiva dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução. Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos – letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases – que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudos gramaticais e pouco têm a ver com a competência discursiva. (PCN/BRASIL, 1997, p. 23),

Seguindo essa perspectiva de trabalho sedimentado nos gêneros textuais, a oficina sobre o “*fanzine*”, propôs-se a discutir bases teóricas que facilitem a compreensão do professor e dos acadêmicos para o trabalho sociolinguístico na produção textual, além de propor uma reflexão sobre os fundamentos da teoria dos gêneros textuais para o ensino da língua. Isso porque como a língua não é estanque e nem homogênea ela varia de acordo com fatores sociais, de sexo, de grau de instrução, de região de origem, entre outros. Desta forma, o professor deve reconhecer a heterogeneidade dos falares brasileiros em sua sala de aula, pois uma das funções da escola é ajudar o aluno a compreender a realidade com suas contradições e variedades, a estrutura, o funcionamento e as funções da língua como instrumento de comunicação e de constituição da identidade individual e coletiva.

A relevância desse trabalho deve-se à necessidade de uma capacitação que mostrasse a relação entre as escolhas pedagógicas realizadas em sala de aula, além de dar voz aos muitos falares presentes na escola. Em uma perspectiva dos estudos linguísticos e com base nos estudos sociolinguísticos percebemos que os aspectos desse tipo de produção textual têm na cultura escolar um dos elementos produtores de identidades. Isso porque, quem produz um texto coloca em pauta situações peculiares em que o leitor identifica-se com eles.

Bortoni-Ricardo (2005) nos apresenta a sociolinguística educacional como área da ciência que aglutina as propostas e pesquisas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional. Essa abordagem considera a língua como atividade social, heterogênea e multifacetada, de natureza diversificada, histórica-

mente situada com multi significados e com um olhar *culturalmente sensível*, isto é, o olhar de uma pedagogia atenta às diferenças entre a cultura que os alunos trazem consigo, de forma a contribuir com a escola no papel de mostrar ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar seus alunos sobre essas diferenças (*idem*, 2008).

Assim, esse campo de estudo lança novas bases, teóricas e práticas, para o entendimento de fenômenos sociais e linguísticos tão comuns à sociedade brasileira, buscando auxiliar o professor na construção de uma prática pedagógica que possibilitem a expansão da competência comunicativa dos alunos, bem como a construção de habilidades letradas e o desenvolvimento da competência linguística, tendo em vista o trânsito seguro dos alunos pelos diferentes domínios sociais, principalmente no que concerne a inserção independente na cultura letrada.

O processo de ampliação da competência linguística e comunicativa dos alunos requer do professor um esforço significativo no sentido de assumir uma atitude investigativa, preferencialmente, orientado por princípios sociolinguísticos e etnográficos, frente aos problemas que afetam o processo de ensino aprendizagem da língua materna em sala de aula. Requer o reconhecimento e o respeito pelas diferenças linguísticas, sociais e culturais dos alunos enquanto sujeitos situados num contexto sociocultural específico.

Agindo dessa forma, o professor, o principal agente de letramento na escola, estará contribuindo para o desenvolvimento da competência comunicativa de seus alunos, bem como para a construção de uma *pedagogia culturalmente sensível*. As formas de implementação dessa pedagogia culturalmente sensível são múltiplas:

aproveitar as experiências e vivências que as crianças trazem consigo, repetindo padrões interacionais que lhes são familiares; desenvolver estratégias que façam a distinção entre eventos de oralidade e de letramento; implementar estratégias de envolvimento, permitindo que a criança fale, ratificando-a como falante legítimo, respeitando-lhe as peculiaridades, acolhendo-lhe as sugestões e tópicos, incentivando-a a manifestar-se, fornecendo-lhe modelos de estilos monitorados da língua e mostrando-lhe como e quando usar esses estilos. (BORTONI-RICARDO, 2008)

Embora o olhar de uma pedagogia culturalmente sensível nos permita perceber o outro com suas características individuais e culturais, é necessário compreender o papel da linguagem no processo de interação. Por isso buscamos refletir, com os participantes da oficina o conceito de linguagem como prática social. Ou seja, no caso do subprojeto PI-

BID Letras – campus de Boa de Vista – CAPES/UERR, que trabalha com alunos do ensino médio das escolas conveniadas, é promover o processo de interação das diversas culturas encontradas no âmbito escolar de forma a permitir que o aluno se expresse dentro da diversidade de gêneros textuais que este tipo de publicação permite.

Faraco (in XAVIER & CORTEZ, 2003) advoga que é difícil separar linguagem e sujeitos, pois é nas práticas de linguagens que nos constituímos como seres heterogêneos, sejam no plano consciente ou no plano inconsciente. Ainda para o autor, seria necessário explicar melhor a interação entre língua, pensamento e cultura que sustenta a compreensão da cultura como uma realidade de linguagem e, desta forma, as práticas verbais estão no interior desses processos semióticos marcados pela dialogicidade. Assim, falar uma língua significa ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos na própria língua e em nossos sistemas culturais.

Borges Neto (in XAVIER & CORTEZ, 2003) postula a importância de se compreender a noção de sociedade, pois a aquisição da linguagem é resultado direto das relações mantidas pelo indivíduo com outras pessoas do seu grupo social. Para o autor, são essas relações que determinarão a capacidade de linguagem do indivíduo, por isso não se pode ignorar a relação social com o linguístico. Tudo isso para ratificar a ideia de que a cultura se processa através da linguagem.

Nesse sentido, durante a oficina sobre o “*fanzine*”, os depoimentos dos alunos e professores presentes foram de que a ideia era maravilhosa e permitia que o trabalho de produção de textos em sala pudesse ser mostrado à comunidade escolar. Assim, o incentivo a leitura e a produção de textos recebia uma “força”, possibilitando a motivação dos alunos ao verem suas produções lidas pelos colegas, professores, membros da escola, familiares e da sociedade a que pertencem. Isso é ratificado pela professora supervisora Elzilei Almeida, membro do subprojeto PIBID Letras – campus de Boa de Vista – CAPES/UERR na Escola Major Alcides Rodrigues dos Santos, ao salientar que “*A ideia do ‘Fanzine na sala de aula’ foi maravilhosa!!!*” e completa “*Esta semana estou trabalhando a ‘Literatura Fanzine em sala de aula’. Estou muito feliz com a participação dos alunos, pois tem sido bastante divertido!!!*”.

A atividade orientada partiu da compreensão do aluno como sujeito que está envolvido no ato comunicativo e que ocupa um lugar social, bem como a linguagem constituída pelas relações sociais. Desta forma,

deve-se considerar o contexto sócio histórico e ideológico de sua classe, observando que, no contexto da língua. Por isso esse estudo está embasado na sociolinguística porque a língua é heterogênea, variável, instável. Bagno (2007) diz que a língua está sempre em desconstrução e reconstrução, pois é uma atividade social, um trabalho coletivo que é usado pelos seus falantes através da interação oral ou escrito. O autor ressalta que nas sociedades complexas e letradas a realidade linguística é formada pela variação linguística, que é a língua em seu permanente estado de transformação, e a variação culta, que é o produto cultural e modelo criado para neutralizar os efeitos da variação, pois ambos servem de padrão para os comportamentos linguísticos socialmente considerados adequados.

Nesse sentido, os falantes recorrem aos elementos linguísticos de formas diferentes para expressar as mesmas ideias e essas variações ocorrem tanto nos níveis da língua como os fonéticos, os fonológicos, os morfológicos, os sintáticos, os semânticos, o lexical e o estilístico. Assim, na utilização da teoria dos *continua* para a pesquisa do português brasileiro, exploram-se, segundo Bagno (2007, p. 36) diferentes categorias da variação sociolinguística: diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica, conforme o objeto de investigação. Aqui, exploramos a *diamésica* no sentido de partir da oralidade à escrita, no registro das histórias orais vividas pelos alunos do ensino médio das escolas conveniadas. Vale salientar que, neste trabalho com o fanzine, os textos produzidos e socialmente aceitos são também uma ferramenta de pesquisa e de suporte para reescrita de novos textos.

A escolha desta variação está no fato de que a *variação diamésica* comporta as diferenças existentes entre as modalidades da língua, seja ela oral ou escrita. Para esse estudo é necessário o conceito de gêneros discursivos/textuais e Marcuschi (2001, p. 41) apresenta um *continuum* que abrange várias práticas de produção textual. Para ele, há os que se aproximam mais da fala e os que estão mais próximos da escrita. Não há, portanto, um padrão fechado, onde se oponham a fala e a escrita como duas modalidades estanques e dicotômicas, pois as estratégias de formulação do falante (ou do produtor de texto) determinam o contínuo das características que produzem as variações das estruturas textuais discursivas, das seleções lexicais, do estilo, do grau de formalidade, sucessivamente.

Para Martins (2011) à medida que professores de língua portuguesa conheçam os dialetos de seus alunos, de suas características fonológicas e de suas realizações na oralidade, terão melhores condições de graduar as dificuldades a serem trabalhadas no decorrer de toda a aprendiza-

gem da língua.

Durante o curso os professores cursistas puderam discutir sobre questões da sociolinguística educacional pertinentes à sua prática pedagógica, além de exercitar a produção de um fanzine de forma a compreender a atividade que iriam desenvolver em suas salas de aulas, tais como a produção de textos nos mais diversos gêneros textuais.

Nesse estudo não se abandona a importância e a necessidade de se ensinar a norma padrão na escola, mas é preciso observar a fala do aluno, pois, conforme Bortoni-Ricardo (2004), as crianças

quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não tem uma gama muito ampla de recursos comunicativos que lhes permitam realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração. É *papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência dos alunos*, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 74)

Apesar das modificações na formação dos professores nestas últimas décadas em função dos avanços nos estudos sobre a língua e da alteração nos currículos das universidades e faculdades, muitos professores ainda perpassam a ideologia das gramáticas tradicionais. Eles parecem não reconhecer a competência linguística de seus alunos e acreditam ainda ser necessário decorar regras gramaticais, pois mantém o mesmo discurso tradicional de que o aluno para falar e escrever “bem” deve estudar sistematicamente a norma padrão. Para isso, é importante que o professor observe a competência comunicativa dos alunos para tomar conhecimento se eles fazem uso de um conjunto de regras que lhe permite produzir e compreender um número infinito de sentenças reconhecendo aquelas que são bem formadas, de acordo com o sistema de regras da língua.

Para Martins (2011), a competência comunicativa é a adequação da linguagem às diversas ocasiões em que o falante se encontra e ela

deve ser um dos elementos balizadores do ensino da língua portuguesa, se queremos inserir nossos alunos na sociedade contemporânea, que espera ter como resultado do trabalho do professor de língua portuguesa, alunos competentes no uso de sua língua, nas diversas formas e práticas sociais dessa língua. (MARTINS, 2011, p. 19)

Desta forma, é importante que o professor verifique se seu aluno faz uso de normas de adequação de sua cultura; monitore de seu estilo de linguagem; leve em conta o papel social que está desempenhando; viabi-

lize os recursos comunicativos: gramaticais, de vocabulário, de estratégias retórico-discursivas *etc.*, pois se deve estar atento às diferenças entre a cultura que os alunos representam e a escola de forma a conscientizar os educandos sobre essas diferenças. É não se utilizar do “erro” do educando para humilhá-lo, mas mostrar as diferenças existentes que podem ser de ordem de “erros de leitura” (decodificação do material que está lendo), do uso de regras não padrão, de questões culturais (regionais, étnicas, gênero, etário *etc.*) e o porquê ocorre.

As ações aqui descritas estão associadas ao direcionamento da ação pedagógica do professor para uma visão mais humanizadora do ensino de língua. Bortoni-Ricardo (2005) diz que a pedagogia culturalmente sensível é como um esforço especial do professor para diminuir a dificuldade comunicativa entre ele e seus alunos, de forma a criar um clima que favoreça a confiança entre ambos, mas

que dá à prática pedagógica do professor de língua portuguesa um novo direcionamento. Esse novo direcionamento pode ocorrer porque a pedagogia culturalmente sensível tem como um dos objetivos legitimar os modos de usos da língua que os alunos apresentam como resultado de sua rede de relações sociais. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 42)

Para a autora ao condicionar o reconhecimento desses usos como produtos na comunidade em que o aluno está inserido, “oportuniza a aprendizagem de outros modos de manifestação da língua, seja oral ou escrita, como uma forma de ampliação da capacidade comunicativa, possibilitando também a análise dos usos da língua e sua adequação aos diversos contextos sociais”.

Vale salientar que, é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto seja oral ou escrito. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis e permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Assim, deve ser trabalhada a necessidade de saber escrever diferentes gêneros textuais e ser um espaço para trabalhar usos e normas da língua e sua adaptação às situações de comunicação.

Em uma perspectiva de estudos linguísticos, percebe-se que é através da linguagem que a experiência pode ser repassada, discutida e (res)significada, neste caso por meio da produção artesanal de um “*fanzine*”, que têm como mote unificar e aproximar o homem no mesmo espaço histórico cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. *Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2004.

BARTHES, Roland *et al.* *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Meio Ambiente e Saúde. Vol. 9. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegamos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola. 2004.

Fanzine. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fanzine>>. Acesso em: 21-09-2013.

Fanzine. <<http://mediatividades.wordpress.com/2012/06/03/fanzine>>. Acesso em: 21-09-2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise e gêneros de compreensão*. São Paulo: Parábola. 2008.

MARTINS, Luzineth Rodrigues. *O processo interacional nas aulas de língua materna: a mediação e a competência discursiva*. Tese (Doutorado em fase de conclusão) – Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula, 2012.

_____; TAVEIRO, Maria da Guia; CARVALHO, Maria Avelina de. *Sociolinguística aplicada: análise de textos escritos por alunos dos anos iniciais da escolarização*. Brasília: Universidade de Brasília. 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-Ricardo, Stela *et al.* (Orgs.). *Leitura e mediação pedagógica*. São Paulo: Parábola,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

2012.

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SPOTTI, Carmem V. N. *O processo interacional nas aulas de língua materna: textos em contextos*. Boa Vista: Apostila do Curso CEFORR, 2012.

XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). *Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.